

Maria

Era uma vez uma menina chamada Maria.

Com os seus longos cabelos castanhos, pele bronzeada, olhos de azeitona e sorriso fácil, era a alegria da família.

Todos os dias a mãe ia busca-la à escola e as duas cantavam e dançavam enquanto esperavam o pai para jantar.

Num dia muito nublado e chuvoso, a mãe não a pode ir buscar à escola e o pai não ia voltar do trabalho.

- Tiveram um acidente de viação e infelizmente foram para o pé do menino Jesus - disse a D. Francisca. Uma vizinha de cabelos grisalhos e pele branquinha.

Desde esse dia a Maria foi morar com essa vizinha que até então a tratava muito bem e sempre foi muito amável e carinhosa com ela. Uma “avozinha”, como lhe chamava a Maria.

Mas, depois de algum tempo passado, a “avozinha” deixou de ser tão amável e carinhosa com a Maria.

Obrigava-a a trabalhar o dia todo. Maria, faz as camas, Maria, lava a loiça, Maria varre e lava o chão, Maria, passa a roupa e guarda nos armários, Maria, faz isto, Maria faz aquilo... Tudo era a Maria. Até para a rua pedir esmolas a “avozinha” obrigava a Maria a ir. Sempre suja e despenteada, a menina passava as noites a chorar com dores e saudades dos pais que tanto amava e que tão seus amigos eram.

Um dia, num dos locais onde ia pedir esmola, Maria conheceu um menino franzino e de cabelo espetado que também era muito mal tratado pelo pai, um senhor de cabelo e barba grandes e que gastava todo o dinheiro em tabaco e bebidas. Com o João, a menina recuperou um pouco da sua alegria e de vez em quando até dançavam um bocadinho.

Fartos de serem mal tratados e de não terem o amor de ninguém, a não ser um do outro, decidiram que este natal ia ser diferente e que como tantos meninos, mereciam aproveitar a infância e ser felizes. Por isso resolveram fugir juntos e tentar uma vida melhor longe daquelas ruas que tanta tristeza lhes traziam.

Arrumaram tudo e no dia de natal, à hora combinada, cada um com o seu saquinho com os poucos pertences que tinham, encontraram-se no local de sempre e foram andando, andado... Até que pararam numa casinha muito pequenina e velhinha.

Bateram à porta e ela abriu-se. Devagarinho e pé ante pé lá foram entrando muito sorrateiros.

- Está alguém? – Gritava o João.

- Podemos entrar? - Gritava a Maria.

Como ninguém respondia, pensaram que a casa estava abandonada e foram entrando.

Era uma casa pequenina mas muito acolhedora e engraçada.

As paredes eram feitas com garradas de plástico de diversos sumos, com cores e formas diferentes.

As janelas eram feitas de sacos de plástico e as cortinas, muito engraçadas com os muitos restos de tecido de várias cores, formas e feitios.

Nas portas, tampas de muitas cores tornavam a casa ainda mais alegre.

- De certeza que quem morou ali era alguém muito alegre e divertido. Nada parecido com aqueles “monstros” com quem tinham vivido nos últimos tempos. Pensaram os dois amigos.

Depois do primeiro impacto de encantamento com tanta coisa diferente e bonita, Maria ouviu um barulho estranho. Era o seu estomago a lembrar que já não comia a muitas horas.

- Tenho fome. – Disse ela ao João.

- Eu também. Não como desde ontem á noite. – Disse o João.

Resolveram então abrir os armários e ver se encontravam alguma coisa para comer. Felizmente a pessoa que tinha morado naquela casa tão bonita tinha deixado comida nos armários. Assim os dois puderam matar a fome e depois de muito brincarem, acabaram por adormecer.

De repente, mais um barulho estranho assustou os dois amigos, era alguém a entrar em casa.

Afinal, a casa pequenina, acolhedora e engraçada não estava abandonada como eles pensavam.

Luzes de várias cores começaram a brilhar por toda a casa e pela porta, com um casaco comprido e chapéu grande, entrou uma senhora de meia idade com uma cara muito redondinha e amigável chamada Ana.

- O que fazem vocês aqui? – perguntou ela.

Com muito receio de serem expulsos daquele casa que os tinha feito sentir tão seguros, as crianças lá foram contando as suas tristes histórias.

A Dona Ana ouviu as histórias muito admirada e a certa altura até pareceu que no cantinho do seu olho apareciam algumas lágrimas.

No fim, muito timidamente, Maria perguntou:

- Por favor dona Ana, será que podemos ficar a morar aqui? Prometemos que nos portamos bem e ajudamos em tudo. Podemos pedir na rua e trazemos tudo para casa. Prometemos.

O João acenou energeticamente com a cabeça que sim.

- Nem pensar... – Disse a Dona Ana.

Por momentos o pequeno coração das crianças parou e só voltou a bater quando ela prosseguiu.

- Vocês estão em idade de brincar e estudar. Só poderão ficar se prometerem que vão a escola todos os dias.

- Claro que sim. – Disseram os dois em coro.

- Então vamos lá comemorar o natal. Vão brincar lá fora que depois eu chamo para o jantar. - Disse a Dona Ana.

As Crianças lá foram, e quando voltaram nem queriam acreditar. Uma mesa cheia de coisas boas e até presentes tiveram. Ele teve um carrinho feito com latas de salsicha e madeira e ela uma linda bonequinha de trapos.

Foi o melhor natal que poderiam ter desejado e não tinham brinquedos tão bonitos há muito tempo. Aliás, há muito que não tinham sequer tempo para brincar.

Nesse dia Maria foi para a cama muito feliz e agradeceu aos pais ter encontrado uma senhora tão meiga e boa para ela. E pensou que realmente as coisas que muitas vezes deitamos fora podem ser ainda muito úteis.

Bastava olhar para aquela casinha tão linda e acolhedora e para aqueles brinquedos tão simples e tão importantes para aquelas crianças que nada tinham.

Maria adormeceu com a ideia de que assim deve ser o natal de todos nós. Para fazermos uma pessoa feliz não precisamos de muito. Basta criatividade e muito amor.

Centro Social de Curvos - SAD